

## Custo do trabalho na indústria sobe 11,6% em 4 anos, aponta estudo

O custo da mão de obra na indústria brasileira disparou nos últimos 4 anos, o que tornou a produção nacional ainda menos competitiva no cenário internacional, aponta estudo divulgado nesta semana pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan). Segundo a pesquisa, a elevação de 11,6% do chamado “custo unitário do trabalho” foi resultado da combinação entre a elevação do custo real da hora trabalhada (+11,9%) e a estagnação da produtividade do trabalho (+0,2%) entre 2010 e 2014.

Com o avanço, o indicador atingiu o nível recorde da série histórica (111,6), que teve início em 2004. Os números contrastam com o recuo de 1,4% observado entre 2004 e 2007, período anterior à crise mundial.

O relatório mostra ainda que a elevação da mão de obra foi disseminada no Brasil, com 13 dos 15 segmentos industriais pesquisados mostrando crescimento.

Os segmentos de meios de transporte e têxtil tiveram os maiores aumentos, 27,7% e 28,2%, respectivamente, refletindo principalmente uma forte queda da produção no período.

As indústrias de alimentos e bebidas, borracha e plástico, e máquinas e equipamentos tiveram crescimento em torno de 20%. Os dois outros setores que registraram crescimento do custo do trabalho acima da média do país foram os de metalurgia básica

(15%) e minerais não-metálicos (11,9%).

Os únicos segmentos que apresentaram redução do indicador no período foram madeira (-18,9%), por conta da combinação de aumento da produção com redução dos gastos com a folha de pagamentos; e coque, refino de petróleo e biocombustíveis (-0,3%), já que o crescimento da produção superou a evolução dos gastos com a folha de pagamentos, que chegou a crescer 13% entre 2010 e 2014. O estudo também comparou a evolução do custo do trabalho brasileiro com o de outros países.

O aumento registrado no país foi superior ao ocorrido na França (+5,8%) e no Reino Unido (+5,2%), países notórios pelo elevado custo da mão de obra e fraco desempenho econômico no período pós-crise.

Já Colômbia e México, por exemplo, apresentaram quedas no custo do trabalho, de -12,7% e -6,3%, respectivamente. A Firjan destaca que ambos os países “conseguiram implementar extensas reformas no período analisado, reduzindo seus custos de produção e ampliando a competitividade de suas economias”.

A federação defende a implementação de novas políticas voltadas ao aumento da produtividade do trabalho no Brasil. Entre elas, a modernização da legislação trabalhista; políticas de reajuste salarial que associem, de forma direta e explícita, os ganhos salariais ao aumento da produtividade; redução consistente dos encargos sobre o trabalho; além de maiores investimentos em educação, pesquisa e desenvolvimento, utilização de novas tecnologias e maior abertura comercial da economia.

“Duas boas medidas nessa direção são retomar a discussão sobre o fim da multa adicional de 10% do FGTS para demissões sem justa causa, bem como aprovar um marco legal seguro para regulamentar a terceirização no país”, sugere o estudo. **Fonte: G1**

## Indústria mantém estoque elevado e adia investimento

O período de ajustes que a indústria brasileira atravessa, com demissões, concessão de férias coletivas e fraco ritmo de produção, ainda não foi suficiente para reduzir os estoques para níveis que estimulem as fábricas a voltar a investir na produção. Na média de outubro e novembro, metade dos 14 ramos industriais pesquisados pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) na Sondagem Conjuntural da Indústria apontaram estoques acima do normal.

**Fonte: Valor Econômico**

## Emprego na indústria cai pelo sétimo mês seguido

O emprego na indústria brasileira registrou queda de 0,4% em outubro, a sétima seguida, segundo informou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nesta quarta-feira (10). Frente ao mesmo mês do ano passado, a retração foi ainda maior, de 4,4% - o 37º resultado negativo consecutivo nesse tipo de confronto e mais intenso desde outubro de 2009, quando o indicador recuou 5,4%.

Com isso, o índice de emprego tem queda de 3% de janeiro a outubro e, em 12 meses, o recuo é de 2,8%.

Frente a outubro de 2013, o contingente de trabalhadores diminuiu nos 14 locais pesquisados, com o principal impacto negativo partindo de São Paulo, onde a queda foi de 5%. O resultado também foi negativo em Minas Gerais (-5%), Nordeste (-3,9%) Rio Grande do Sul (-5,1%), Paraná (-4,5%) e regiões Norte e Centro-Oeste (-3,4%). Na análise por setores, o recuo foi em 16 dos 18 ramos pesquisados, com destaque para meios de transporte (-8,1%), máquinas e equipamentos (-7,3%), alimentos e bebidas (-2,4%), produtos de metal (-7,9%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-7,6%), calçados e couro (-8,9%), vestuário (-5,4%), entre outros. **Fonte: Valor Econômico**